

JOÃO E SEUS LAÇOS DE FAMÍLIA

JOÃO AND FAMILY TIES

JOÃO Y VÍNCULOS FAMILIARES

Dayana Coelho Souza¹

Filomena Elaine Paiva Assolini²

Resumo: Este artigo teve por objetivo analisar o discurso do adolescente João sobre família à luz da psicanálise e análise do discurso. Ele interpretou que família está associado às palavras *unida* e *regras*, seu discurso apresentou questões sobre uma maior permissividade e frouxidão nos laços.

Palavras-chave: Adolescência; família; psicanálise.

Abstract: This paper objective was to analyze the speech of teenager João about family on the psychology view and discourse-analysis. He interpreted that it's related to *united* and *rules*, his discourse questions a higher permissivity and loosening the ties.

Keywords: Adolescence; family; psychoanalysis.

Resumen: El objetivo del artículo fue el discurso del adolescente João sobre la familia a la luz del psicoanálisis y análisis del discurso. Interpretó que la familia está asociada a la unión y reglas, su discurso fue sobre una mayor permisividad y los lazos.

Palabras clave: Adolescencia; familia; psicoanálisis.

Considerações iniciais

O presente artigo é um recorte e desdobramento da pesquisa de mestrado *Os discursos sobre laços de família e escola: o que os estudantes têm a dizer?*³. Ela foi construída com objetivo principal de analisar os discursos que estudantes adolescentes apresentavam sobre família e escola. Neste trabalho apresentaremos o discurso sobre família de um dos adolescentes participantes.

Nossa fundamentação teórica é a psicanálise lacaniana com contribuições da análise de discurso pecheuxiana, discorreremos sobre essas teorias com mais vagar no decorrer do texto. Por ora, vale o seguinte questionamento: Por que pesquisar sobre famílias?

Nos diversos campos de trabalho de políticas públicas, como saúde e educação, escutávamos os discursos sobre as famílias tendo como referência ideal arranjo conjugal e heterossexual. Essa escuta tinha efeito de incômodo, assim desencadeou o desejo de saber sobre as famílias.

Quanto ao porquê escutar os adolescentes, concordamos com Briole (1994) ao afirmar que os discursos deles são os discursos de sua época, o que nos pode fornecer indícios para pensar a família na atualidade.

Ressaltamos que este artigo foi escrito tendo como direção os discursos sobre família de um dos participantes da pesquisa mencionada e que nomeamos como João. Seus discursos foram os que mais responderam sobre nossos objetivos e os mais comentados na qualificação e defesa. O objetivo deste trabalho é analisar o que a palavra família desencadeou no discurso de João, bem como o que ele interpreta de suas relações familiares.

¹ CAPS II, Clínica particular.

² Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP).

³ SOUZA, Dayana Coelho. *Os discursos sobre laços de família e escola: o que os estudantes têm a dizer?* 2017. 96p. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

A seguir, apresentaremos nosso embasamento teórico, questões teóricas sobre família e adolescência, aspectos metodológicos e a análise do discurso de João. Já nas considerações finais efetuamos articulações e possíveis contribuições para pensar sobre as famílias.

Psicanálise e análise do discurso

Neste item discorreremos sobre nossa fundamentação teórica: a psicanálise e contribuições da Análise do Discurso (AD). As duas teorias possuem alguns pressupostos em comum, iniciaremos discorrendo sobre o discurso.

Dunker, Paulon e Milán-Ramos (2017) afirmaram que o enlace entre a psicanálise lacaniana e AD se dá por meio da noção de discurso. Para as duas teorias o discurso não é uma unidade, ou seja, não há confluência entre enunciado e enunciação (entre o que se acredita ter dito e o que foi dito). Assim, Assolini (2003) destacou que estudar o discurso não corresponde apenas estudar seu conteúdo e sim seu funcionamento.

Para uma aproximação do discurso na AD, vale uma citação de Orlandi:

A análise do discurso, como o próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2015, p. 15).

Além disso, Dunker, Paulon e Milan-Ramos (2017) nos ensinaram que o discurso lacaniano corresponde a um laço social que vai além da somatória de falas individuais, trata-se de uma condição para um conjunto de enunciados possíveis, cada material discursivo é uma composição de elementos que comportam a emergência de um sujeito.

Também contamos com a contribuição de Soler (2016) ao ressaltar que cada discurso delimita justamente aquilo que é recomendado e o que é aprovado por seus assujeitados conforme o lugar que eles se encontram, portanto pressupomos um assujeitamento. Laureano (2008) enfatiza que para a AD assujeitamento é à ideologia, já para a psicanálise Elia (2010) ressalta que é ao inconsciente.

A noção de sujeito também é outro ponto de convergência entre a psicanálise e AD. O sujeito não corresponde a uma totalidade, trata-se de uma cisão em que não há total controle das condutas, pensamentos e discurso. Elia (2010) nos ensina que sujeito é a resposta da operação de um assujeitamento à linguagem.

Quanto a questão da linguagem, ambas teorias ressaltam sua relação com a constituição dos sujeitos. Com Elia (2010) destacamos uma noção de linguagem que vai além da funcionalidade de comunicar, mas envolve a expressão das singularidades e da cultura.

Além disso, com Saussure (1980, *apud* DOR, 1989), destacamos existir uma cisão entre língua e fala. A língua é da ordem do código, do que é compartilhado na cultura. Já a fala é da ordem da singularidade, do sujeito na cultura.

Então, a análise dos discursos a partir da psicanálise e da AD corresponde a escutar o que não é intencionalmente falado, mas o que escapa. Desse modo, trata-se de escutar as posições que os sujeitos ocupam no discurso e seu funcionamento, para além de seu conteúdo.

Quanto ao inconsciente, destacamos que este é um conceito freudiano pensado a partir da escuta de mulheres com sintomas histéricos (graves sofrimentos somáticos sem causas orgânicas). Por meio da associação livre e na relação com o analista, ou seja, dizer o que vem à mente evitando censuras, foi formulado que há algo que nos assujeita e que não temos controle racional (FREUD, 2006a).

Lacan (2008a), partindo do pensamento freudiano, pensou o inconsciente do seguinte modo:

Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente. Ali, alguma outra coisa quer se realizar – algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo *produzir-se* se apresenta como um *achado*. É assim, de começo, que a exploração freudiana encontra o que se passa no inconsciente (LACAN, 2008a, p. 32).

Sendo assim, podemos apenas ter acesso aos indícios do inconsciente das descontinuidades, quando nos percebemos em divisão e descontrolo de nossos discursos e atos.

Lacan, em seu primeiro ensino, postulou que o “inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 2008a, p. 27), ou seja, quer dizer que tem a mesma estrutura da linguagem. Ele se serviu da linguística como um instrumento para aproximar o inconsciente de algo objetivável.

Sendo assim, este trabalho foi construído a partir do pensamento psicanalítico em entrelaço com a AD. Seguimos então para as contribuições da psicanálise sobre família

Laços de família

Laço é algo que enlaça, que liga. Soler (2016) esclareceu que no pensamento freudiano não foi utilizado o termo laço, mas foi questionado sobre o que funda a civilização. Freud (2010) afirmou ser a civilização a passagem de um total domínio da natureza para certo controle da mesma. A regulamentação da vida em grupo somente foi possível às custas de reprimirmos determinados impulsos, isso não é sem efeitos para os sujeitos, de modo que haverá sempre um mal-estar inerente a vida em civilização.

Esses efeitos podem ser dores, decepções e tarefas insolúveis, mas utilizamos paliativos para suportar o mal-estar. Amar e ser amado é uma das principais maneiras de lidar com o sofrer, mas na verdade “cada um tem que descobrir à sua maneira particular de ser feliz” (FREUD, 2010, p. 41).

Portanto, na visão freudiana, a vida em civilização requer ir além das necessidades biológicas, o humano transcendeu a essas questões por meio da relação com outro ser humano.

Retomando o termo laço, remetemo-nos a Soler (2016) que relatou ser o laço um termo lacaniano e o que faz laço é o discurso. A autora também discorreu sobre uma precariedade dos laços na atualidade, desse modo, convida-nos a pensar sobre o que está no princípio do desenlace e ressaltou a tese lacaniana de que a causa capitalista não enlaça e sim deixa cada um reduzido a seu corpo, de modo que os grupos acabam sendo agregados de multidões.

A causa capitalista é um imperativo de consumo e de total satisfação, na qual há um fechamento para os laços humanos e relação de uma suposta completude com objetos.

E sobre os laços de família? Do que se tratam?

As funções da família são entrelaçadas ao próprio processo civilizatório. Freud (2017) nos ensinou que o ser humano possui a peculiaridade de ter uma longa fase de desamparo e dependência de outro ser humano. O bebê é trazido ao mundo menos pronto do que os filhotes de outras espécies, de modo que os perigos do mundo externo têm sua importância elevada.

Assim, Freud (2010) ressaltou a importância de um grupo, de um ser humano, que acolha outro ser humano, vale citar que “O outro indivíduo adquiriu a seus olhos o valor de um colaborador, com o qual era útil viver. Ainda antes, em sua pré-história antropológica, ele havia adotado o hábito de construir famílias; os membros da família foram provavelmente os seus primeiros ajudantes” (FREUD, 2010, p. 61).

Tendo em vista a relação com o processo civilizatório, destaca-se que a noção freudiana de família está relacionada, para além da sobrevivência, com a peculiaridade humana de amar e de governar os impulsos agressivos com objetivo de ser possível a vida em civilização.

Lacan (1998) também ressaltou uma “prematuração específica do nascimento do homem” (LACAN, 1998, p. 100) para destacar uma noção objetiva de inacabamento anatômico de modo a estar em uma situação em que depende totalmente de outro para sobrevivência.

No texto *Os complexos familiares*, Lacan (2008b) estava em seu percurso inicial na psicanálise e pensou a família como uma instituição, não sendo reduzida as leis da biologia. O termo instituição nos remete ao que está instituído, ou seja, posto, assim como a linguagem. Em suas palavras:

Em todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura. Se as tradições espirituais, a manutenção dos ritos e dos costumes, a conservação das técnicas e do patrimônio são com elas disputados por outros grupos sociais, a família prevalece a primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua acertadamente chamada de materna (LACAN, 2008b, p. 9).

Além disso, Voltolini (2011) afirmou que o nascimento de uma criança depende de uma equação estabelecida no desejo de seus pais, essa condição faz com que a criança tenha que se deparar com as fantasias a partir da qual nasceu. E o ponto de partida dessas fantasias é a relação desses pais com seus próprios familiares de modo que temos uma complexa relação que terá suas particularidades no caso a caso.

Faz-se imprescindível discorrer sobre a noção lacaniana de Outro, Alberti (2004) ressaltou que o Outro é assim apresentado com letra maiúscula porque não se trata de um outro qualquer, mas sim deste que ampara o ser humano em seu desamparo fundamental e o mergulha no mundo simbólico. Para se constituir em sujeito, o ser humano necessitará estar, em sua vida inicial, alienado ao Outro.

Alberti (2004) destacou que este Outro também é barrado pela incompletude. O Outro primordial exerce a dita função materna, que diz respeito a inscrição das necessidades biológicas ao campo da linguagem. A instância que exerce a função materna empresta a si mesma ao filho para que este possa se estruturar.

Os estados de tensão do corpo da criança são nomeados e interpretados como demanda por aquele que cuida dela. Esse assujeitamento é entendido como uma alienação. Então, quem encarna esse lugar do Outro primordial interpreta como demanda as respostas do corpo desse sujeito a vir. Quando o Outro falta, esse sujeito terá que lidar com a falta e demandar.

Porém, outra operação pode ocorrer de modo que a criança vivencie que outros objetos são alvo de satisfações para esse Outro que exerce a função materna. Objetos de satisfação, outros desejos, interditam a relação com o bebê e a execução dessa interdição é o que se entende por função paterna. Esta pode instaurar o desejo fundante porque abre espaço de falta para que assim o sujeito se estruture.

Sobre a função de transmissão, de que transmissão estamos nos referindo? Roudinesco (2003) destacou que o principal a ser transmitido é a lei do desejo, um sujeito se estrutura em função da filiação e sexualização de modo que a diferença sexual é colocada como enigma para todo ser humano lembrando que haverá algo não simbolizável, não acessível pela linguagem.

Tendo essas questões dos enigmas e fantasias em vista, Cêra (2017) afirmou que há alguma coisa que não pode ser dita nos laços familiares, um excesso, um resto irreduzível que se instala como segredo. Além disso, Rezende *et al.* (2017) destacaram que a família é fundada a partir do segredo, ela é uma encarnação do lugar do Outro. O que o Outro quer é um enigma, o trabalho do sujeito é se constituir a partir disso.

Portanto, família é o lugar do Outro, lugar civilizatório. Mas, há algo de não simbolizável. Nossa condição de sujeitos sexuados e de filiação não é totalmente assimilável pela linguagem. Resta a cada sujeito fazer seu trabalho de interpretação do lugar a que foi colocado ao chegar na cultura.

O trabalho da adolescência

Destacamos a adolescência como um trabalho desencadeado pela puberdade (ROSA; DOMINGUES, 2010). A fim de discorrermos sobre isso é importante pensarmos sobre as perdas e separação da autoridade, do Outro. Há perda do corpo infantil e reencontro com nossa condição de sujeitos sexuados.

Para uma separação se faz imprescindível uma presença, assim os adolescentes utilizarão suas referências mesmo que para se contrapor a elas (ALBERTI, 2004). Para isso é necessário que primeiro tenha havido uma alienação ao desejo do Outro (VOLTOLINI, 2011).

Então, o trabalho a qual o adolescente é convocado a fazer é o de separação do Outro em seu aspecto imaginário, ou seja, do que ele fantasia ser. Os sujeitos utilizarão direções, indicativos e determinantes que tiveram no decorrer da vida para efetuar suas escolhas e posições. Esse trabalho exige um esforço e implica um encontro com o posicionamento em relação a nossa condição de sermos sexuados, não completos. O sujeito se depara com o furo do Outro, ou seja, a incompletude. Tal situação pode ter efeito de intenso sofrimento (ALBERTI, 2004).

Vale ressaltar Castilho (2017) que fala sobre o efeito de um sujeito que não se reconhece no desejo do Outro, sem orientação de um espaço corporal e de uma temporalidade. Trata-se de um efeito que nomeou como errância.

O modo de gozo da causa capitalista efetua tentativa de tamponar a incompletude. São modos de gozo relacionados à lógica do consumo de objetos, medicamentos, substância psicoativa ou outros que podem entrar em um lugar de completude imaginária. Desse modo, o adolescente testemunha um mal-estar que diz respeito ao campo social, familiar e de seu próprio corpo (BRIOLE, 1994).

Portanto, não entendemos a adolescência como uma etapa do desenvolvimento. Mas, sim como um trabalho de separação ao Outro imaginário e reencontro com a incompletude.

Aspectos metodológicos

Vale uma breve explanação sobre os aspectos metodológicos da análise do discurso de João. Inicialmente, vale destacar que tanto a psicanálise lacaniana quanto a AD são teorias que também são métodos de pesquisa. Laureano (2008) defendeu que ambas são filiadas ao paradigma indiciário.

O paradigma indiciário diz respeito ao estudo de traços marginais e peculiares que nos oferta indício sobre algo. Ginzburg (2016) sistematizou tal paradigma, em suas palavras: “pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, “baixos” forneciam a chave para aceder aos produtos mais elevados do espírito humano” (GINZBURG, 2016, p. 150).

Portanto, o paradigma indiciário engloba teorias que buscam analisar um fenômeno a partir de indícios geralmente imperceptíveis e negligenciados. Assim, o que temos são indícios do inconsciente e da ideologia.

Rosa (2004) apontou que a pesquisa em psicanálise se define pela maneira de formular as questões. O participante é um sujeito do inconsciente, recomenda-se que a entrevista seja manejada de modo a propiciar que o entrevistado se atente ao seu discurso. Assim, a participação pode ter efeito de intervenção.

Uma contribuição da AD diz respeito a noção de condições de produção. Orlandi (2015) nos ensinou que as condições de produção são os sujeitos e a situação da pesquisa que interferem no que o sujeito dirá.

A entrevista de João⁴ ocorreu em sua escola em horário de aula em uma instituição estadual de ensino fundamental. Essa condição afetou o lugar colocado pela pesquisadora, escutamos que ele a colocou no lugar do Outro escolar.

Antes da entrevista, a pesquisadora efetuou uma reunião com os alunos participantes, entre eles João, e falou sobre a pesquisa. Nessa oportunidade entendemos que a transferência poderia já ser iniciada e manejada.

No contexto clínico, a manejo da transferência corresponde em ocupar posição em que não se coloque como mestre ou orientador. Esse lugar é ocupado porque o sujeito procura o analista devido às suas queixas e supõe que este saiba sobre seu sofrimento. Assim pode haver um endereçamento de suas questões (NÁSIO, 1999).

Na pesquisa por meio de entrevista em que se tem objetivos específicos que não o tratamento, isso é invertido já que a entrevista ocorre devido ao pedido do pesquisador. Assim, o pesquisador não ocupa, a priori, para o participante o lugar de endereçamento e se faz necessário um manejo para que haja a efetiva participação (ROSA; DOMINGUES, 2010).

Consideramos a efetiva participação quando o discurso apresenta indícios de posição mais próxima possível do que o pensamento laciano postulou como implicação subjetiva, ou seja, questionamento de qual sua responsabilidade frente às queixas ou a questão colocada (NÁSIO, 1999).

Isso porque a implicação favorece a abertura para a associação livre e para que surja condições para a emergência dos indícios do inconsciente. Bartijotto (2014) se remete ao pensamento freudiano e ressaltou que esses indícios são atos falhos, repetições, negações, contradições, chistes e relatos de sonhos.

Tendo em vista as considerações e limites para a entrevista em pesquisa psicanalítica mencionadas acima por Rosa e Domingues (2010), a mesma foi composta por dezenove perguntas abertas sobre a convivência e maior proximidade ou distanciamento de algum membro. A entrevista foi gravada e transcrita, foi elaborada de modo que mobilizasse João a narrar sua história familiar, conceituar família e discorrer sobre o que pensava sobre a família na atualidade.

Ao posteriori, analisamos que um roteiro de assuntos poderia possibilitar maior abertura para investigação do que uma entrevista com perguntas pré-determinadas. Isso porque teríamos condições de maior exploração de algum ponto.

A contribuição da AD ocorreu sobretudo a partir do conceito de *corpus*, este corresponde ao material a ser trabalhado na pesquisa. Assolini (2003) destacou que a definição do *corpus* ocorre com a própria análise e a partir de recortes da entrevista efetuados em razão dos objetivos da pesquisa.

Nosso *corpus* foi constituído de recortes realizados no material bruto (entrevistas transcritas na íntegra), ressaltando que selecionar os recortes já constituiu um gesto de interpretação (ORLANDI, 2015). O primeiro gesto de análise foi o contato com as entrevistas transcritas, bem como escuta dos áudios gravados.

Depois foram efetuadas escutas e leituras flutuantes do material bruto. O que Freud (2006b) recomendou para a condução de um tratamento, adaptamos para a escuta no contexto da pesquisa acadêmica. Nas palavras do autor:

A técnica, contudo, é muito simples. Como se verá, ela rejeita o emprego de qualquer expediente especial (mesmo de tomar notas). Consiste simplesmente em não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma ‘atenção flutuante suspensa’ (como a denominei) em face de tudo o que se escuta (FREUD, 2006b, p. 125).

⁴ Aprovado em comitê de ética parecer 2400122.

A leitura do texto das entrevistas perpassou pela atenção flutuante para depois efetuar relação com os objetivos da pesquisa, uma adaptação do contexto clínico para uma escuta aplicada a pesquisa acadêmica. Esse trabalho possibilitou a delimitação de recortes que constituí nosso *corpus*. Os recortes foram estabelecidos após as análises do material onde o sujeito apareceu por meio de indícios do inconsciente.

Nesse processo, foram escolhidas sequências discursivas de referência que correspondem a trechos superiores às frases e que conduziram as apresentações das análises (COURTINE, 1981 *apud* ASSOLINI; DORNELAS, 2016). Além disso, os recortes e sequências discursivas de referência foram analisadas tendo em vista as condições de produção.

Vale destacar que a descrição e análise dos recortes não foram sucessivos, ocorreram em alternância entre as duas ações diferenciando dos procedimentos de análise das ciências positivas (PECHEUX, 2015).

Tendo feito as considerações sobre o método, prosseguimos com o discurso de João.

O que João nos diz?

Finalmente apresentaremos discurso de João. Na ocasião da entrevista ele contava com treze anos, cursava o oitavo ano do ensino fundamental em escola estadual de um município do interior paulista. A mãe dele trabalhava com os afazeres domésticos e o pai trabalhava como caseiro e motorista particular. Ele possuía um irmão de sete anos e nos contou que a mãe interrompeu o trabalho remunerado após o nascimento do irmão.

A seguir apresentaremos nosso *corpus* composto por três recortes da entrevista de João. Vale destacar que no decorrer das análises nos remeteremos a noções já apresentadas em itens anteriores, a exemplo da noção de Outro e suas implicações, outras noções ainda não mencionadas faremos esclarecimentos no decorrer da análise.

O primeiro recorte é a resposta de João quando indagado sobre uma comparação das famílias de gerações anteriores e a da sua:

Recorte 1:

eu não sei muito sobre as famílias... é... antigas, a minha vó me contava como era a dela, e... pelo o que ela me contava a dela é muito diferente da minha, por causa que a dela... é... a dela sempre foi muito desunida. Desde os dez anos cada um foi para um lado, teve que casar muito cedo por que na época dela era casamento arranjado ai tiveram que arranjar um noivo para ela, ai ela teve que sair de casa aos treze anos por que ela iria casar, com treze anos, e... a família dela sempre foi muito desunida e apesar de que a minha não é tão unida quanto era para ser, ela é mais do que a da minha vó e... a família da minha vó era muito mais... é... eu não sei como eu posso dizer mas era uma... tipo, eles tinham mais regras do que a minha, é... eles sempre tiveram muito mais regras. A minha é um pouco... é... eu poderia dizer que é um pouco desregulada, por que... não tem muita regra na minha família.

No recorte acima, há indícios de que ele interpreta que famílias deveriam ser unidas: a minha não é tão unida quanto era para ser. Sobre a palavra desunida ele a menciona como algo em comum da geração da avó e da sua.

Ressalta-se a sequência discursiva sobre a avó: Ela teve que sair de casa aos treze anos porque ela iria casar, com treze anos. Ele enfatizou os treze anos, mesma idade que a dele. Inferimos que, na interpretação dele, a avó com a mesma foi obrigatoriamente inserida em uma relação conjugal.

Outra sequência discursiva que destacamos é: eles tinham mais regras do que a minha... A minha é um pouco... é... eu poderia dizer que é um pouco desregulada, por que... não tem muita regra na minha família. A palavra regra se repetiu ao dizer sobre sua geração e a da avó, no caso da geração dele, há ausência dela configurando o que ele nomeou de desregulada.

Prosseguindo, questionado sobre membro da família que estabelecia laço mais próximo, ele nos disse que era a mãe. Em suas palavras:

Recorte 2

é... eu poderia dizer que da minha família ela é a pessoa que mais passo tempo junto, é a pessoa que eu mais vejo e também por que eu acho que eu e minha mãe temos personalidades muito parecidas, a gente é muito igual, a gente... eu sou uma pessoa muito sensível a minha mãe também, e... a gente também é muito... como é que fala? A gente é muito medroso, eu sou uma pessoa muito medrosa, e... a minha mãe também a gente basicamente tem as mesmas características, são poucas características que eu peguei do meu pai.

Do recorte acima ressaltamos a seguinte sequência discursiva: acho que eu e minha mãe temos personalidades muito parecidas, a gente é muito igual, a gente... eu sou uma pessoa muito sensível a minha mãe também. Nela há indícios de uma posição subjetiva de identificação com a mãe, localiza que a questão vai além de uma maior convivência, mas de ter tomado para si as nomeações que endereça, exemplo do sensível e medroso.

Vale lembrar que a identificação é assimilação de aspecto, propriedade ou atributo de outro os transformando (LAPLANCHE, 2004). O Outro encarnado na figura da mãe é interpretado por ele como lugar de identificação.

A sequência discursiva A gente é muito medroso também é indício de uma identificação e de uma posição de colagem ao Outro quando menciona o A gente. Ressalta-se que não se trata de uma alienação porque a separação foi realizada, visto a fala eu sou uma pessoa muito sensível, ou seja, diferencia-se apesar da repetição do A gente.

Mas, o A gente utilizado para falar de si e da mãe ao mesmo tempo, pode ser indício de uma relação ainda em processo de separação.

Ressalta também a sequência: são poucas características que eu peguei do meu pai, aqui marca uma diferença, mas usando o pai como referência e sem negar que existem poucas, mas que são identificações ao pai.

Aproveitando, apresentamos o recorte que consta a resposta de João quando questionado sobre quem ele considerava membro da família menos próximo:

Recorte 3

meu pai é uma pessoa muito estressada, ele já chega do serviço em pouco cansado, aí se, tipo eu parasse para conversar com ele, assim... ele ia... ele é uma pessoa que se estressa muito fácil. E o meu pai... ele é uma pessoa que gosta de tudo perfeito e eu não sou uma pessoa perfeita.
...quando eu faço alguma coisa de errado, ele já fica estressado e isso eu não gosto muito no meu pai, mas fazer o que? Ele é meu pai e eu tenho que... (tom de voz abaixa) conviver com ele assim mesmo.

No recorte acima há ausência da palavra a gente que se repetiu ao falar da mãe, o pai e diferenciado dele mesmo. Notamos a presença das palavras eu e ele ao mencioná-lo.

Destaca-se a sequência: E o meu pai... ele é uma pessoa que gosta de tudo perfeito e eu não sou uma pessoa perfeita. Nesta sequência discursiva, João se queixa de não corresponder ao que interpreta que o pai espera dele, o que interpreta do Outro é uma posição que ele não corresponde.

Em seu discurso o pai parece ocupar ora lugar de Outro sem furo: ele é uma pessoa que gosta de tudo perfeito, ora lugar de castrado como escutamos na sequência discursiva é uma pessoa muito estressada. Inferimos então interpretações ambivalentes sobre o Outro encarnado na figura do pai.

João reagiu com alteração no tom da voz que abaixa quando nos conta que ele é meu pai e eu tenho que... conviver com ele assim mesmo. Inferimos uma reação emocional, ao relacionarmos a totalidade do recorte, podemos ter indícios de uma relação intensamente conflituosa. Importante que João inventa uma saída para o conflito conviver com ele assim mesmo.

Além disso, a sequência: mas fazer o que? também denota a resignação quanto aos lugares ocupados na família e sua convivência.

Considerações finais

A literatura pesquisada nos ensinou sobre a família como um lugar e função. Sendo um lugar da linguagem, o Outro não necessariamente está relacionado ao laço consanguíneo, ou a algum sexo ou mesmo gênero. O lugar do Outro tem a ver com o lugar que a criança é colocada no desejo de um adulto e da interpretação que a criança faz do que se espera dela.

Desse modo, para a psicanálise, o que está em jogo para a sua função de transmissão da cultura não são os arranjos estabelecidos (se monoparental, conjugal hetero ou homossexual), mas no lugar do Outro, do desejo e do que não é alcançado pela linguagem.

De um modo geral, analisamos que João interpreta que família está associado às palavras unida e regras. As figuras destacadas foram a materna e paterna, o irmão não foi mencionado em nosso *corpus*.

Destacamos a palavra desregulada ao comparar as gerações, vindo de encontro com o que Soler (2016) nos ensina sobre uma maior permissividade na contemporaneidade. Podemos também afirmar uma maior frouxidão dos laços devido ao discurso capitalista que tem como imperativo o consumo e não os laços humanos, que tem sido transmitido.

Frente a condição que João diz na sequência discursiva não tem muita regra na minha família, sua saída não foi a errância, visto que ele tem o Outro como referência nas identificações e questionamentos. Interpretamos que a saída para o conflito com o Outro paterno foi uma resignação Ele é meu pai e eu tenho que... (tom de voz abaixa) conviver com ele assim mesmo.

Apesar de ter não estar em uma errância, algo do laço familiar foi entendido como desregulada e que não tem muita regra. Cabe novas pesquisas para escuta do que está em jogo nessa precariedade dos laços.

Finalizando, as contingências ou as condições de produção estão dadas, mas os sujeitos podem ter seus modos particulares de lidar com suas questões e conflitos inventando modos de transformarem tais condições.

Referências

ALBERTI, Sônia. *O adolescente e o outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

ASSOLINI, Filomena Elaine Paiva; DORNELAS, Camila Carrari. Práticas de reescrita: possibilidades de instauração da autoria. *Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 12, n. 1, p. 113-136, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/5818>. Acesso em: 25 out. 2021.

ASSOLINI, Filomena Elaine Paiva. *Interpretação e letramento: os pilares de sustentação da autoria*. 2003. 269f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003.

BARTIJO, Juliana. *O discurso sobre o ato infracional materializado no estatuto da criança e do adolescente*. 2014. 150f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

BRIOLE, Guy. Adolescência e adolescente: o impossível do desejo. *Agente: Revista de Psicanálise / Escola Brasileira de Psicanálise / Seção Bahia* – Salvador, ano 1, n. 1, p. 9-26, jun. 1994.

CASTILHO, Pedro Teixeira. Os nomes do laço social das adolescências na contemporaneidade: errância, sintoma e corpo. In: PEREIRA, M. R. (Org.). *Os sintomas na educação hoje: o que fazemos com isso?* Belo Horizonte: Scriptum, 2017, p. 162-174.

CÊRA, Flávia. Como se (dá) conta (d)o não-dito? *Nova Rede Cereda Brasil, Folha dos Núcleos*, n. 40, p. 44-45, 2017.

DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como uma linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; PAULON, Clarice Pimentel; MILÁN-RAMOS, J. Guillermo. *Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas*. 2 ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, S. *Obras completas, vol. 17*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 13-123.

FREUD, Sigmund. Mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Obras completas vol. 18*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-122.

FREUD, Sigmund. Estudos sobre histeria. In: FREUD, S. *Obras completas, vol. 2*. Rio de Janeiro: Imago, 2006a.

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: FREUD, S. *Obras completas, vol. 12*. 2006b. p. 123-133.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 143-179.

LACAN, Jacques. *Seminário, livro II: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008a.

LACAN, Jacques. *Complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008b.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.

LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário de psicanálise Laplanche e Pontalis*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LAUREANO, Marcela Marjory Massolini. *A interpretação (revelar e esconder sentidos): articulações entre análise do discurso e psicanálise lacaniana*. 2008. 216f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008.

NÁSIO, Juan-David. *Como trabalha um psicanalista?* Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2015.

REZENDE, Ana Paula F. et al. Família, criança e sinthoma. *Nova Rede Cereda Brasil, Folha dos Núcleos*, n. 40, p. 24-28, 2017.

ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Mal-Estar e Subjetividade*, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/2PyOkTX>. Acesso em: 25 ago. 2018.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia e Sociedade*, v. 22, n. 1, p. 180-188, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2P43krW>. Acesso em: 25 ago. 2018.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SOLER, Colette. *O que faz laço?* São Paulo: Escuta, 2016.

VOLTOLINI, Rinaldo. *Educação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

Sobre as autoras

Dayana Coelho Souza. Psicóloga, psicanalista, mestrado em Educação e residência em Saúde da Família e Comunidade. Atuação na área de saúde mental pública e clínica particular. E-mail: dayana.coelho@hotmail.com.

Filomena Elaine Paiva Assolini. Possui graduação em Letras – Instituição Moura Lacerda (1992), graduação em Pedagogia – Instituição Moura Lacerda (1987), mestrado em Psicologia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto USP (1999) e doutorado em Ciências pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto USP (2003). Concluiu o Pós-Doutorado no Instituto de Estudos da Linguagem, IEL – UNICAMP. É docente da FFCLRP – USP desde 2005. Atua na interface Educação e Linguística, desenvolvendo pesquisas sobre alfabetização, letramento, leitura, escrita, formação de professores e prática pedagógica escolar. Atualmente é professora Livre-docente da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP; membro titular da Comissão do Curso de Pedagogia; membro

da Comissão de Monografia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, membro do Conselho do Departamento-DEDIC. Ministra disciplinas regulares e optativas na graduação e na pós-graduação em Educação. Desenvolve pesquisas relacionadas à interface Educação e Linguística e orienta estudantes de iniciação científica, mestrado e doutorado. É responsável por vários projetos de cultura e extensão universitária, com destaque para a Incubadora Cultural. É líder e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Alfabetização, Leitura e Letramento, GEPALLE, regulamentado no CNPq. É membro da Academia Ribeirãopretana de Educação. É autora de vários livros e artigos científicos. Ministra disciplinas na UNIVESP, desde 2018.

E-mail: elainefdoc@ffclrp.usp.br.